
O AMIGO DAS LETRAS.

Dulcique animos novitate tenebo.

ORID. MET. IV.

QUARTA FEIRA 1 DE SEPTEMBRO DE 1830.

AS QUATRO IDADES DA MULHER.

Canto II.

A PUBERDADE.

Das rozas da manhã qual a mais bella
 De perolas d'orvalho percobertas,
 O seio virginal abre com pejo
 Do sol aos raios; são-lhe guarda espinhos;
 E brilha no jardim mais bello adorno;
 Com seus carinhos faz tremella Zephire,
 Dobrar-se sobre si, corar mais viva:
 Os mais doces perfumes exhalando,
 E' rainha das flores, favorita
 E' de Flora, é imagem da innocencia;
 Desenvolvem-se taes nascentes graças
 Da donzella, qu'os doces sentimentos

Principia a sentir da natureza.

C'os pendentes anneis de seus cabellos

Escuros se diverte brincão Zephiro.

As vistas os Amores lanção do arco

Encantador, qu'aos olhos côr da noute

Dá sombra; as igneas settas d'alli vibrão,

Que ternos corações já mais errarão.

Riem-lhe as Graças nas redondas faces.

A candura, a decencia abrem seus labios,

Qu'em purpurina côr forão banhados,

E deixão duas ordens vêr de dentes,

Como as perolas brancos: o seu halito

Suave tem ao ar igual pureza:

Seu seio encantador, a quem suspiros

Sublevarão, qu'os lirios é mais alvo.

Confundida o conhece a bella: cõra:

E p'ra cobrir encantos, que seduzem,

Procura mostrar mais as qu'o pescoco

Lhe ornão flores. Qual Deosa os passos guia

Com nobreza e decencia. Com os olhos

O mancebo, de quem a liberdade

E' já p'rigoza, a segue. Ella é rainha

Das companheiras suas; a mais bella

De suas irmãs todas; mas, com tudo

Nem um só orgulhoso pensamento,

De volutuosiadé um só desejo

Aquella alma serena lhe perturbão.

Como Anjo tutelar, seus passos todos

A innocencia acompanha; a castidade

De flores a corõa irreprehensivel.

Nocturnas sombras o seu ar gracioso

Dissipa, e desarmára até um monstro.
 Alegres seus ditosos pais lh'observão
 Os solitarios passos, que em segredo
 Corôa por acções, qu'o mundo ignora,
 Mas qu'o Ceo bem conbece virtuosas,
 O Ceo, que n'ella cuida vigilante.
 Matutina oração, d'um sacrificio
 Qual o vapôr, se eleva além das nuvens.
 Então dos Serafins o mais formoso,
 Seu Anjo tutelar, desce do Emyreio,
 E vôa em torno d'ella. Suas vistas
 P'ra longe della a seducção apartão,
 Vaidosos desejos, vãos adornos,
 A maldicencia, em fim todos os vicios,
 Tantas vezes occultos da belleza
 C'os attractivos. Nunca passar deixa
 Seu tempo sem tornallo proveitoso,
 Pois se occupa da caza nos arranjos;
 E sem temer o fumo, assaz tenido
 Das bellas, tambem entra na cozinha.
 Algumas vezes no jardim passeia,
 E com agua ardentada vai regando
 A roza imagem d'ella, ou o rainunculo,
 Ou nomes vae aos cravos dar diff'rentes.
 Outras vezes, volvendo a seus trabalhos,
 Em bastidor vasio campos cria,
 Arvores grandes, coloridas flores,
 Ou para adornar simples os castanhos
 Cabellos, vae urdir brilhante seda;
 E por si mesma faz os seus adornos
 Naturaes, engraçados, que zelosas

São suas companheiras constrangidas
 A admirar sim, mas qu'imitar não podem
 A' noute, quando descem sobre a terra
 O repouso, e silencio; quando a lua
 Graciosa é sobre os solitarios valles,
 C'os accents do cravo, ou d'arpa casa
 A voz encantadora. Os tís soberbos
 Inagitados, qu' á morada sua,
 Onde a paz mora, dão amiga sombra,
 A' divina harmonia ouvidos prestão:
 Emulo rouxinol os seus acordes
 Mistura com os d'ella: murmurando
 Mais o ribeiro lentamente passa:
 Sobre as rozas os Zephiros escutão:
 Fóra d'agua as cabeças tirão Naiades,
 A's praias correm, entrelação danças
 Da Bella ao som dos magicos acentos:
 Em quanto a lua, as danças contemplando,
 Mais brilho tem no plano firmamento.

Um livro d'instrucção ás vezes toma,
 E os cantos ouve d'immortal poeta,
 Cantos sublimes, harmoniosos cantos
 Dos Bardos, qu'a virtude ensinão pura
 De Teos ás canções, ás Lesbias arias
 Os ouvidos não presta. Com transporte
 Porém as Musas de Sion escuta.
 O' divina virtude! Ella ama os cantos
 Feitos á tua gloria: ella aborrece
 Os que volutuosidade só respirão,
 Ou que são feitos n'embriaguez do vinho.

Pestifera lascivia, não infectão
 O seu coração frívolos romances.
 Em sua companhia só Pamella
 Amavel, só Clarissa heroica, apenas
 A digna Biron um lugar ter pódem.
 E' verdade, que as Musas de Castalia
 Na fonte as aguas lhe beber fizêrão :
 Produz ás vezes engenhosos versos ;
 Mas de leve não cede aos lisongeiros,
 Que cegos querem, que do Pindo em cima
 Se mostre aos olhos do severo publico,
 E que cinja de louros sua frente.
 Assim sem dias passam, d'innocentes
 Alegrias de manso prazer cheios.

Ella não ama extravagantes festas.
 Ama a dança ; mas não as mascaradas
 Nocturnas, onde Satiros malvados
 Da malicia, do vinho, da lascivia
 Levados, buscão seduzir virtudes.

Sanguinolenta caça abandonando
 A sexo mais intrépido, c'o chumbo
 Mortifero não segue na floresta
 A corça, que lhe foge ; a cotovia,
 Que nos ares cantando se levanta,
 Com os raios não fere, que despede.
 De feroso cavallo não sporêa
 As verilhas : jámais a barretina
 Cobrio-lhe a frente graciosa, e doce,
 Porqu' a doçura femil aos olhos
 Virá co' as armas do terror munida?

Seu modesto vestido mais lh'augmenta
 A belleza, do que soberbas plumas,
 Que vestido soberbo d'Amazona,

De todas as virtudes adornada
 De virtuoso mancebo atrahe as vistas,
 Unica esp'rança de familia honesta,
 Apaixonados olhos bem lh'exprimem
 O amor mais fiel, A Bella nota
 Secretas chammãs, em que lh'arde o peito:
 Sobre as faces de roza, a esta vista,
 Um mais vivo encarnado se derrama:
 Em quanto com transporte a mão lhe beija
 O mancebo, cada um sen attractivo
 Realsa mais e mais terno embaraço.
 Timida volta o rosto seu vermelho,
 Em tanto o scu amante vergonhoso
 Teme offendêlla, e a victoria ignora,
 Porém, presente sempre a bem querida
 Imagem estará da Bella aos olhos.
 Quando á noute a seu quarto solitario
 Levar seus passos, qu'a melancolia,
 D'amantes companheira, venha achálla;
 Ou quando os conduzir aos invios bosques
 Ou se abandone a doces pensamentos,
 Então hade cuidar no seu amante,
 E ouvir-lhe inda seductora vozes.
 Ser só d'elle depois vota em segredo.
 Duvidoso entre tanto é o mancebo:
 De sua fé são prova longos dias
 Longos dias são prova de ternura,

Abre-se Amor em fim: elle triumphá.
 A tocha nupcial Hymen acende:
 Em quanto os pais derramão pranto alegres,
 Formão no altar os dous eternos votos.
 Já retinem os gritos d'alegria,
 Que a sua dita na Cidade espalhão:
 Té que do alto da estrella vespertina
 Amor dê o signal, até qu' a 'sposa
 Não sem lagrimas, não sem resistencia
 Roubar-se veja nupcial corôa.



As CABELLEIRAS.

Dissertação Historico-Politico-Philosophica.

Em que epocha se inventaria esta especie de carapuça, a que a arte prende os cabellos, de que a natureza nos priva? Não é facil dar a isto uma resposta satisfactoria. O que posso afirmar é que a cabelleira não é de data tão antiga como o ómem: não era conhecida na infancia do Genero Humano. Em parte nem uma da Biblia, a qual falla dos cabellos de Sansão, e é de Absolão, se trata de cabelleiras. Ah! Uma cabelleira teria salvado a vida a este ultimo!

Duvido muito que os Gregos tivessem idéa das cabelleiras. *Hesiodo*, *Pindaro*, e *Homero*, tão minuciosos nas suas descripções, quando tratão de vestir ou despir

as suas personagens, não fazem menção alguma de cabelleiras. *Homero*, o pai da epopêa, que tantas vezes pinta seus heróes arrancando os cabellos uns aos outros, porque é que não cantaria a cabelleira de Nestor, assim como cantou as madeixas de Paris, se no tempo do cerco de Troia já se fizesse uso de semelhante enfeite?

Os Romanos usáráo de cabellos postiços: assim se collige d'estes versos de *Ovidio*:

Femina procedit densissima crinibus emptis,
Proque suis alios efficit ære suos. (1)

Outros versos de *Ovidio* provão que da cabeça dos captivos é que os cabelleiros Romanos se provião dos cabellos, de que os nossos cabelleiros modernos vão buscar sortimento aos hospitaes.

.... *Captivos mittet Germania crines,*
Culta triumphatæ munere gentis eris. (2)

Estes cabellos postiços são provavelmente, prezos ás fitas, e sustentados pelos tecidos, com que adornavão a cabeça as Senhoras Romanas. Mas a isso chama-se toucado; não é cabelleira.

(1) Uma mulher se apresenta: a sua desgrenhada cabeça está coberta de cabello comprado; graças ao seu dinheiro, o cabello, que ella perdeu é substituído por outro, que sendo alheio hoje lhe pertence.

(2) Os captivos Allemaes te traráo suas madeixas, e tu te enfeitarás á custa da nação, de que houvermos triumphado.

A prova mais convincente de que a cabelleira não era conhecida no tempo da antiga Roma, é o sabermos que Cezar se viu obrigado a encobrir com uma corôa de louros a nudez de sua victoriosa fronte. Poucos ômens tem havido com tanto direito como elle á trazer uma cabelleira igual á sua.

Acaso virá da palavra *Cezar* est'outra palavra *cesaries*, que significa encabelladura, e que me parece nunca foi empregada antes de Virgilio? Seria muito para admirar que um calvo dêsse o seu nome justamente a uma cousa, que lhe faltava. Se é ou não verdadeira esta etymologia, pertence aos sabios averiguar e resolver.

Os Romanos não sabião, é verdade, a arte de fazer cabelleiras, mas ao menos não ignoravão o modo de pentear, encrespar, perfumar, e até mesmo de tingir o cabello. Um ômem, que já tinha a cabeça toda coberta de cabellos brancos, tendo feito todos os esforços por obter uma graça de Augusto, mas sempre em vão, tingio o cabello de preto, e como assim ficasse parecendo mais moço de alguns annos, foi outra vez apresentar-se ao imperador. "Não vos posso conceder o que me pedis," respondeo-lhe Augusto, que tão facilmente não se deixava cegar, "porque essa mesma graça já eu recusei a vosso pai."

Na historia da meia idade, não se lê uma só palavra a respeito de cabelleira. Clodion, o *Cabelludo*, não perçisava de cabelleira, e Carlos o *Calvo*, soube muito bem passar sem ella. De dia a corôa, de noute um barrete, o preservavão de defluxo. Nos seculos, em que

se clausurava os reis, cuidava-se mais em desembaraçal-los de seus cabellos naturacs do que em arranjar-lh'os posticos.

A invenção da cabelleira, que a par da da polvora e da imprensa, devia illustrar o reinado da dynastia de *Capet*; não é do tempo de *S. Luiz*, a quem os cabel- leireiros tomárão por patrono, não sei porque motivo, sendo como é certo que este religioso monarca, que na- da tinha de Taful nunca percisou d'elles.

Foi no reinado de Luiz, o *Justo*, que appareceu a primeira cabelleira. Constava a principio de uma unica ordem de cabellos, de que usavão tanto os seculares como os ecelesiasticos, segundo se collige dos retratos de *Corneille* e *Moliere*, e dos cardeacs de *Richelieu* e *Mazarin*.

Continuár-se-há.



O FURTO DA PULSEIRA.

Anecdota Historica.

A semana passada, a 5 de Abril de 1830, partio de *Pontsmouth* para *Botany Bay* um transporte, levando a bordo os sentenciados a degredo. Fazia-se notavel entre elles uma moça, que teria apenas vinte annos, cujas al- teradas feições e porte honesto muito contrastavão com as maneiras dos outros prisioneiros. Ella estava decente.

mente vestida, e com o lenço occultava o rosto ás vistas indiscretas dos curiosos. Assim que pôz o pé no convêz, rebutárão-lhe as lagrimas, deo um profundo suspiro ao dizer o ultimo adeos á sua patria, e logo desceo com os outros sentenciados para a coberta. Que repugnante contraste! Achar-se esta moça, que fôra educada n'um dos principaes collegios de *Londres*, no meio de prostitutas e de mulheres condemnadas a degredo por furto! Um dos officiaes da embarcação se aproxima para designar-lhe o seu lugar; ella não se atreve a levantar os olhos, e sem proferir uma só palavra vae assentar-se. Vendo-a desfeita em pranto, pergunta-lhe o official se ella tem que sollicitar alguma graça, promettendo empenhar-se por obtêlla do commandante. “ Ah, não!.. ” Responde ella toda commovida, “ eu não quero cousa alguma, estou satisfeita. ”

Como só no dia seguinte é que o navio devia fazer-se de vella, o official fallou n'esta mulher ao commandante, o qual, querendo saber quem ella era, a mandou vir á sua presença, e lhe fez varias perguntas. Ella, a principio não quiz responder; mas, cedendo ás affectuosas instancias do commandante, disse-lhe: “ eu, Snr., fui há quatro mezes cendemnada pelo tribunal de *Exeter* a sete annos de degredo: eu era culpada, punio-me a lei, e para me poupar recordações bem crueis, não me constrangeis, vos supplico, a contar-vos a minha vida. ” O commandante, entretanto, a mandou conduzir para uma camara particular, e duas horas depois reiterou as suas perguntas; movida, em fim pela bondade do commandante, eis o que ella confessou: “ O meu nome é *Precilla*

Deſar; a minha família é das principaes de *Edimburgo*. Hade haver nove mezes, tive a fraqueza de fugir com *Mr. Jorge Scott*, que me soube inspirar uma ardente paixão, e a quem meus pais recusávão a minha mão. Meu amante gastou em bem pouco tempo os limitados fundos, que possuia; partimos para *Exeter*, a fim de elle alli arranjar algum emprego; e como nada podesse conseguir do que pertendia, entrou na loja de um ourives, e furtou um annel. Dêrão logo pelo furto . . . o meu amante foi prezo, e condemnado a degredo. Levárão-o para *Botany-Bay*, e há dezoito mezes que não sei como tenho podido viver ausente d'elle: eu conheço que fui a causa da sua desgraça, e por isso quiz participar da sua sorte. Todo o tempo que elle esteve na cadêa, trabalhei sempre em caza de uma costureira, ia visitallo, e o soccorria com o fructo do meu suor. Apenas elle foi para longe de mim, concebi o firme projecto de fazer com que tambem me degradassem: offerecião-se-me dous meios; o roubo, ou a prostituição. Proferi o primeiro. Indo um dia levar um vestido a caza de uma senhora, furtei-lhe de cima do toucador uma pulseira. Prendêrão-me immediatamente, fui condemnada, e como não declarei o meu verdadeiro nome, a minha familia ignora a minha sorte. Eu reputo-me feliz, porque vou tornar a vêr o meu amante, e viver na sua companhia; mas, choro . . . quando me lembro de meu pai, e de minhas irmãs . . .